

Os Espíritos de mesmo nível evolutivo podem se substituir uns pelos outros

“Uma teoria não pode ser aceita como verdadeira senão com a condição de satisfazer a razão e dar conta de todos os fatos que abrange; se um só fato lhe trazer um desmentido, é que não contém a verdade absoluta.” (ALLAN KARDEC)

Esperamos encontrar, na Codificação, informações sobre essa possibilidade, uma vez que pelo que alguns confrades vêm dizendo, ficou-nos a forte impressão de que, pessoalmente, precisamos de um estudo mais detalhado desse tema. Essa é a única maneira de sairmos do “achismo”, infelizmente, algo muito comum em meio aos adeptos do Espiritismo.

Confessamos ser um tema que pouco conhecemos, razão pela qual, merece, de nossa parte, um maior aprofundamento, para que nós possamos ter conhecimento de quais seriam as condições para que isso venha ocorrer.

Na *Revista Espírita 1859*, mês de dezembro, Allan Kardec (1804-1869) disse a respeito dos detratores do Espiritismo o seguinte: “O erro de certos autores é o de escrever sobre um assunto antes de tê-lo aprofundado suficientemente, e, por aí, dar lugar a uma crítica fundada. [...]”. ⁽¹⁾. Julgamos que essa sua recomendação pode e deve mesmo ser aplicada de forma ampla e genérica.

Assim, nós os espíritas, sempre que formos discorrer sobre algum tema devemos possuir conhecimento mais específico daquilo que falaremos, ou seja, temos que ter base doutrinária, para fugirmos das opiniões pessoais, que pouco representam diante dos princípios doutrinários, mas, muitas vezes, são supervalorizadas pelos ouvintes que pouco ou nada estudam.

1 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 283.

Vejamos o que poderemos encontrar na Codificação Espírita. A primeira obra que consultaremos será **O Livro dos Espíritos**, da qual transcrevemos do item XII da “Introdução” os dois seguintes parágrafos:

1º) A experiência nos ensina que **os Espíritos da mesma categoria**, do mesmo caráter e animados dos mesmos sentimentos **reinem-se em grupos e em famílias**. Ora, o número dos Espíritos é incalculável e estamos longe de conhecê-los a todos; **a maioria deles nem mesmo tem nomes para nós. Um Espírito da categoria de Fénelon pode, pois, vir em seu lugar, muitas vezes até como seu mandatário. Apresenta-se então com o seu nome**, porque lhe é idêntico e **pode substituí-lo** e porque precisamos de um nome para fixar as nossas ideias. Mas, que importa, afinal, que um Espírito, seja, realmente, o de Fénelon? Desde que só diga coisas boas e fale como o seria feito o próprio Fénelon, é um Espírito bom; o nome pelo qual se dá a conhecer é indiferente, não passando muitas vezes de um meio para fixar nossas ideias. **Não se daria o mesmo nas evocações íntimas**, mas aí, como já dissemos, a identidade pode ser estabelecida por provas de certo modo evidentes. ⁽²⁾ (grifo nosso)

Ao que nos parece, a substituição aqui mencionada é feita por Espíritos da mesma categoria e que não têm nomes para nós, portanto, é algo mais específico e não generalizado como se poderia, em princípio, pensar.

Mas é importante buscarmos no dicionário **Michaelis** a justa definição da palavra substituir, para que possamos entender do que realmente se trata:

Substituir: 1 Tirar alguém ou algo para pôr outro em seu lugar; permutar: *Depois de vários escândalos, decidiram substituir o pároco. Substituíram o carro de boi pela charrete.*; 2 Pôr-se ou ser posto no lugar de outra pessoa: *Um seminarista substituíra-se ao reverendo.*; 3 **Responder pelas atribuições ou funções de outrem; assumir temporariamente o lugar de**: *Como tem mais jogo de cintura, sempre substitui o chefe nas negociações salariais.*; 4 **Suprir a falta ou o impedimento de**: *Quando ele se ausenta, não há quem o substitua.*; 5 Ir para o lugar de; ficar em substituição a: *Extinta a monarquia, substituiu-a a república.*; 6 Pôr no lugar de um objeto estragado um outro em perfeitas condições de funcionamento: *A lâmpada da máquina de costura está queimada; é preciso substituí-la.*; 7 ESP Colocar um jogador no lugar do outro em uma partida: *O técnico substituiu o atacante titular por conta da séria contusão que ele sofreu. Substituiu o goleiro pelo reserva porque não teve saída.* ⁽³⁾ (itálico do original, negrito nosso)

Dentro do contexto, entendemos que as definições 3 e 4, em conjunto,

2 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 36-37.

3 MICHAELIS, *Substituir*, disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/substituir/>

são as que se enquadram: “Assumir temporariamente o lugar de alguém em sua falta ou impedimento”. Assim, há que ocorrer uma causa ou um motivo para que se dê a substituição de um Espírito por outro. Pode ser, por exemplo, que aquele evocado esteja numa atividade no plano espiritual, onde se encontra, que não lhe permita sair no momento da evocação. Uma outra possibilidade para não atender é que ele já esteja encarnado e em estado de vigília, situação que não lhe oferecerá condição para que sua alma se emancipe, a fim de que possa se apresentar no local onde foi evocado.

Entendemos que, no exemplo dado de Fénelon, ao dizer “Apresenta-se então com o seu nome”, não significa necessariamente que, além do pensamento dele, o seu substituto também se manifeste com a sua exata aparência.

Vejamos, agora, o parágrafo sequencial do anterior:

2º) Por fim, **é certo que a substituição dos Espíritos pode causar uma porção de equívocos, resultar em erros e muitas vezes em mistificações**. Essa é uma das dificuldades do *Espiritismo prático*. Mas jamais dissemos que esta ciência fosse uma coisa fácil, nem que se pudesse aprendê-la brincando, como também não se dá com qualquer outra ciência. Nunca será demais repetir que ela exige um estudo assíduo e, geralmente, muito prolongado. [...]. ⁽⁴⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Se aceitarmos pacificamente a substituição de determinado Espírito, sem uma análise bem pormenorizada da mensagem, podemos perfeitamente ser enganados por Espíritos mistificadores.

A ousadia de certos Espíritos mistificadores é tanta, que, mesmo o protetor da Sociedade Espírita de Paris estando presente à reunião, um deles se fez passar por São Luís, conforme registrado na **Revista Espírita 1860**, no mês de junho. Nela temos referência a leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 18 de maio de 1860, na qual foi perguntado aos Espíritos:

P. Por que São Luís não se comunicou, na última sexta-feira, pelo Sr. Didier, e deixou que falasse **um Espírito enganador**? – R. São Luís estava presente, mas não quis falar. Aliás, não reconheceste que não era São Luís? É o essencial. Não

4 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 37.

fostes enganados, do momento que reconheceste a impostura. ⁽⁵⁾ (grifo nosso)

Portanto, temos que o audacioso manifestante era apenas “um Espírito enganador”. O que vem corroborar que somente Espíritos inferiores se fazem passar por outros.

Mais à frente, no mês de novembro, temos essa curiosa narrativa envolvendo novamente São Luís:

Estudos – 1º Perguntas dirigidas a **São Luís sobre a sua aparição a um médium vidente de Lyon**, em presença do Sr. Allan Kardec. Ele respondeu: “Sim, era bem eu; era do dever da minha missão não abandonar o diretor da sociedade que patrocino.” ⁽⁶⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Interessante é que mesmo um médium vidente tendo visto São Luís, ocorreu a dúvida se era realmente ele. Disso podemos concluir que, em princípio, se acreditava que um Espírito poderia assumir a aparência de outro. A questão é: Isso também vale para um Espírito de um nível evolutivo superior, ou somente ocorre com Espíritos mistificadores?

A resposta vamos encontrá-la no artigo “O falso Padre Ambroise”, publicado na **Revista Espírita 1858**, no mês de julho, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

Um dos escolhos que apresentam as comunicações espíritas é o dos Espíritos impostores, que podem induzir em erro sob sua identidade, e **que, ao abrigo de um nome respeitável, procuram passar seus grosseiros absurdos**. Em muitas ocasiões, explicamos sobre esse perigo, que deixa de sê-lo para quem escrute, ao mesmo tempo, a forma e o fundo da linguagem dos seres invisíveis com os quais se comunicam. Não podemos repetir aqui o que dissemos a esse respeito: leia-se, atentamente, nessa *Revista*, em *O Livro dos Espíritos* e em nossa *Instrução Prática*, ver-se-á que nada é mais fácil que premunir-se contra semelhantes fraudes, por pouco que nisso se coloque de boa vontade. [...]. ⁽⁷⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Tanto o verdadeiro Padre Ambroise quanto o falso, qualificado pelo

5 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 164.

6 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 330.

7 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 192.

primeiro como “Um Espírito bufão” ⁽⁸⁾, foram evocados e se desfez a mistificação.

Do artigo “Teoria da incrustação planetária”, publicado na Revista Espírita 1860, mês de abril, merece destaque o seguinte trecho:

[...] ora, a experiência prova que **os maus se comunicam tão bem quanto os bons**. Aqueles que são francamente maus são facilmente reconhecíveis; mas há também, **entre eles, os meio sábios, os falsos sábios, os presunçosos, os sistemáticos e mesmo os hipócritas**; aqueles são os mais perigosos porque afetam uma aparência de seriedade, de sabedoria e de ciência, a favor da qual debitam, frequentemente, no meio de algumas verdades, de algumas boas máximas, as coisas mais absurdas; e para melhor enganarem, **não temem em se ornarem com os nomes mais respeitáveis**. Distinguir o verdadeiro do falso, **descobrir a fraude escondida** sob uma parada de grandes palavras, **desmascarar os impostores**, eis aí, sem contradita, uma das maiores dificuldades da ciência Espírita. Para superá-la é preciso uma longa experiência, conhecer todas as **astúcias das quais são capazes os Espíritos de baixo estágio**, ter muita prudência, ver as coisas com o mais imperturbável sangue frio, e se guardar, sobretudo, contra o entusiasmo que cega. Com habilidade e um pouco de tato chega-se facilmente a ver a ponta da orelha, mesmo sob a ênfase da mais pretenciosa linguagem. Mas infeliz o médium que se crê infalível, que se ilude sobre as comunicações que recebe: o Espírito que o domina pode fasciná-lo ao ponto de fazê-lo achar sublime o que, frequentemente, é simples absurdo e salta aos olhos de todos quanto dele mesmo. ⁽⁹⁾ (itálico do original, negrito nosso)

Então, podemos dizer que “os Espíritos de baixo estágio [evolutivo]” sem o menor constrangimento “não temem em se ornarem com os nomes mais respeitáveis”, ou seja, somente Espíritos moralmente inferiores cometem crime de “falsa identidade”.

Na **Revista Espírita 1858**, mês de dezembro, Allan Kardec publicou o artigo “Das Aparições”, do qual transcrevemos:

Os Espíritos nos aparecem, pois, geralmente sob a forma humana; [...] se querem dar-se a conhecer, tomam exatamente todos os traços sob os quais foram conhecidos, e até a aparência das vestes, se isso for necessário. Assim, Esopo, por exemplo, como Espírito é disforme, mas se for evocado, enquanto **Esopo, tivesse mesmo várias existências depois, apareceria disforme e corcunda, como o costume tradicional**. Esse vestuário, talvez, é o que mais espanta; mas considerando-se que faz parte integrante do envoltório semimaterial, concebe-se

8 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 194.

9 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p.107.

que o Espírito possa dar, a esse envoltório, a **aparência** de tal ou qual vestuário, como **a de tal ou qual rosto**. ⁽¹⁰⁾ (grifo nosso)

Compreende-se facilmente que o Espírito poderá tomar a aparência física de qualquer uma de suas reencarnações anteriores. Certamente, que tal “proeza” está ligada às propriedades de flexibilidade e expansibilidade do perispírito que obedecendo a vontade do Espírito se modifica, conforme explica o Codificador em **A Gênese**, cap. XIV, item 14:

[...] O que ocorre é que **seu pensamento reportando-se à época em que era assim, seu perispírito toma instantaneamente aquela aparência, que ele deixa, do mesmo modo, logo que o pensamento deixa de agir naquele sentido**. Assim, se em uma encarnação foi negro e numa outra foi branco, ele se apresentará como branco ou como negro, **conforme a encarnação sob a qual for evocado** e a que se transporte o seu pensamento. ⁽¹¹⁾ (grifo nosso)

Em relação à última encarnação, isso é como que feito automaticamente, sem nenhum nível de consciência.

De **O Livro dos Médiuns**, 2ª parte, cap. I, item 56, destacamos:

[...] Mas **a matéria sutil do perispírito** não possui a tenacidade nem a rigidez da matéria compacta do corpo; ela é, se assim nos podemos exprimir, **flexível e expansível**, donde resulta que **a forma que toma**, conquanto decalcada na do corpo, não é absoluta, **amolga-se à vontade do Espírito, que lhe pode dar a aparência que bem entender**, ao passo que o envoltório sólido lhe oferece insuperável resistência.

Livre desse obstáculo que o comprimia, **o perispírito se dilata ou contrai**, se transforma; numa palavra, presta-se a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que atua sobre ele. **É graças a essa propriedade do seu envoltório fluídico que o Espírito pode fazer-se reconhecer, quando necessário, tomando a aparência exata que tinha quando vivo**, até mesmo com os defeitos corpóreos que possam servir de sinais para o reconhecerem. ⁽¹²⁾

Por ser flexível e expansível o perispírito se torna maleável à vontade do Espírito, passado o período de perturbação, que poderá lhe dar a aparência que tinha quando vivo, incluindo aí a dos personagens progressos.

10 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 322-323.

11 KARDEC, *A Gênese*, p. 306.

12 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 65.

Nessa mesma obra, na 2ª parte, cap. VI, item 100, temos o seguinte:

30. Os espíritos poderiam apresentar-se sob a forma de animais?

“isto **pode acontecer, mas somente Espíritos muito inferiores** tomam essas aparências. Em todos os casos, a forma animalesca não passará de uma aparência momentânea, pois seria absurdo acreditar que um animal verdadeiro, qualquer que seja, pudesse ser a encarnação de um Espírito. Os animais são sempre animais e nada mais do que isto.” ⁽¹³⁾ (itálico do original, negrito nosso)

Não resta dúvida que pela ação de sua vontade um Espírito poderá assumir uma aparência animalesca, entretanto, como ressaltado, somente Espíritos muito inferiores fazem isso.

Em **O Livro dos Médiuns**, 2ª parte, cap. VI, item 113, do tópico “Teoria da alucinação”, lemos:

As visões são sempre reais? Não serão, algumas vezes, efeito da alucinação? Quando se veem, por exemplo, em sonho, ou de outra maneira, o diabo e ou outras coisas fantásticas – que não existem – não será isso um produto da imaginação?

“Sim, algumas vezes. Quando alguém se deixa impressionar por certas leituras ou por histórias de feitiçaria, ao se lembrar mais tarde dessas coisas, julga ver o que não existe. Mas já dissemos também que **o Espírito, sob o seu envoltório semimaterial pode assumir todas as formas para se manifestar. Um Espírito zombeteiro pode aparecer com chifres e garras, se assim lhe desejar**, para se divertir à custa da credulidade daquele que o vê, do mesmo modo que um Espírito bom pode mostrar-se com asas e com uma figura radiosa.” ⁽¹⁴⁾ (itálico do original, negrito nosso)

Espíritos poderiam assumir até mesmo a aparência de seres mitológicos, mas tais transformações sempre ocorrem com Espíritos moralmente inferiores.

Do artigo “As obras-primas por via medianímica”, publicado na **Revista Espírita 1865**, mês de fevereiro, transcrevemos o seguinte parágrafo:

Ocorre de outro modo com os **Espíritos que não são conhecidos, de alguma sorte, senão pela história**; para aqueles, não existe nenhuma prova material de identidade; **pode haver sua presunção, mas não certeza absoluta da personalidade**. Quanto mais os Espíritos estão distanciados de nós pela época em que viveram, menos essa certeza é grande, tendo em vista que suas ideias e seu

13 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 114.

14 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 123.

caráter podem ser modificados com o tempo. Em segundo lugar, aqueles que chegaram a uma certa elevação formam famílias similares pelo pensamento e o grau de adiantamento, dos quais todos os membros estão longe de nos serem conhecidos. Se um deles se manifesta, o fará sob um nome nosso conhecido, como indício de sua categoria. **Evocando-se Platão por exemplo, pode ocorrer que ele responda ao chamado; mas se não o pode, um Espírito da mesma classe responderá por ele: este será seu pensamento, mas não sua individualidade.** Eis do que importa muito bem se compenetrar. ⁽¹⁵⁾ (grifo nosso)

Fica evidente que para ocorrer uma substituição o Espírito evocado não possa pessoalmente atender ao chamado.

Em “Notícias Bibliográficas”, publicada na **Revista Espírita 1865**, mês de agosto, há referência à obra *O Manual de Xéfolius*, atribuída a Félix de Wimpfen, guilhotinado em 1793. Em 29 de junho de 1865, seu Espírito foi evocado, e de sua comunicação destacamos:

“Uma vez que lestes uma obra da qual não me atribuo sozinho todo o mérito, deveis saber que o bem da Humanidade e a instrução de meus irmãos foram o objeto de meus mais caros desejos. É vos dizer que venho com prazer vos dar as informações que esperais de mim. **Já vim várias vezes às sessões da Sociedade**, não só como expectador, e não ficareis admirado do que adianto, quando vos disser, como já o sabeis, que **os Espíritos tomam em suas comunicações, o nome tipo do grupo ao qual pertence.** Assim, tal Espírito que **assina Santo Agostinho não será o próprio Santo Agostinho, mas bem um ser da mesma ordem**, chegado ao mesmo grau de modificação. [...].

[...].

Instruí-me instruindo os outros; aqui, faço o mesmo.

Informar-vos-ei somente que **faço parte desta categoria de Espírito que designais pelo nome genérico de São Luís.**” ⁽¹⁶⁾ (itálico do original, negrito nosso)

Diante do exposto, é fácil entender que à medida que os Espíritos vão galgando categorias cada vez mais elevadas eles passam a formar grupos, e qualquer um deles pode vir substituir ao outro, caso seja conveniente e necessário. “Dos homens duplos e das aparições de pessoas vivas”, constante de **Obras Póstumas**, Allan Kardec cita alguns casos mencionados na obra *Os Fenômenos Místicos da Vida Humana*, de Maximiliano Perty. Vamos ver seus

15 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 47.

16 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 250-251.

comentários a respeito de um deles, mas teremos que transcrever dois:

4. “Becker, professor de matemáticas em Rostok, estava à mesa com alguns amigos, entre os quais surge uma questão teológica. **Becker vai à sua biblioteca em busca de uma obra que decidiria a questão e deu consigo assentado no lugar costumeiro.** Olhando por cima dos ombros do seu outro eu, verifica que este lhe aponta a seguinte passagem da Bíblia, num volume aberto: ‘Arranja tua casa, pois tens de morrer.’ Volta para junto de seus amigos que em vão se esforçam por lhe demonstrar que era loucura ligar a menor importância àquela visão. – *Ele morreu no dia seguinte.*”

7. “O conde... e as sentinelas pretenderam **ter visto uma noite a imperatriz Elisabeth da Rússia, sentada em seu trono, na sala onde este se erguia,** em trajes de grande gala, **estando ela deitada e a dormir no seu aposento.** A dama de honra, que se achava de serviço, convencida do fato, foi despertá-la. A imperatriz se dirigiu também para a sala do trono e viu lá a sua imagem. **Ordenou a uma sentinela que fizesse fogo; imediatamente desapareceu a imagem.** A imperatriz morreu três meses depois.” ⁽¹⁷⁾ (itálico do original, negrito nosso)

Comentários do Codificador:

No fato nº 4 se, em vez de imaginarmos o **professor Becker** em presença do seu sócia, **admitirmos que ele tinha diante de si um Espírito que lhe aparecia com o seu aspecto,** deixa de haver qualquer antagonismo e o fenômeno entra no domínio do possível. O mesmo se dá com o fato nº 7. Não se compreende que **Elisabeth da Rússia** haja mandado atirar sobre a sua própria imagem, mas **admite-se perfeitamente que o haja feito contra um Espírito que tomara a sua aparência para mistificá-la. Alguns Espíritos tomam às vezes nomes de empréstimo e adotam o estilo e as formas de dizer de outro, para alcançarem a confiança dos médiuns e conseguirem penetrar nos grupos.** Que haveria de impossível que a um Espírito orgulhoso aproovesse tomar a forma da imperatriz Elisabeth e sentar-se no seu trono, a fim de dar vã satisfação aos seus sonhos ambiciosos? O mesmo se pode dizer com relação a outros fatos. ⁽¹⁸⁾ (grifo nosso)

Alguns Espíritos podem tomar a aparência de um outro – vivo ou desencarnado – por vários objetivos, o mais comum seria por maldade. Não é raro também o fazerem para penetrar nos grupos espíritas visando dominá-los. Que fiquemos bem alerta para que isso não venha a ocorrer conosco.

Finalizando as transcrições, trazemos um que propositalmente deixamos para este ponto. Em ***O Livro dos Médiuns***, cap. XXIV, item 268, lemos:

17 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 85-87.

18 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 92-93.

14. *Já que alguns espíritos podem enganar pela linguagem de que se utilizam, serão capazes também, aos olhos de um médium vidente, de tomar uma falsa aparência?*

“Sim, porém, mais dificilmente. No entanto, isso só acontece com um fim que os próprios **Espíritos maus** desconhecem. Eles servem, nesse caso, de instrumentos para uma lição. O médium vidente pode ver Espíritos levianos e mentirosos, como outros os ouvem ou escrevem sob a influência deles. **Os Espíritos levianos podem aproveitar-se dessa disposição para o enganar, por meio de falsas aparências.** Isso, porém, depende das qualidades do Espírito do próprio médium.” (19)

Se até a um médium vidente um Espírito pode tomar a aparência de um outro, a análise da comunicação deve ser mesmo bem criteriosa. Identificamos que nesses casos há permissão para que Espíritos inferiores procedam assim visando dar alguma lição aos médiuns.

Portanto, é possível sim, que um determinado Espírito possa tomar a aparência de outro, mas em todos os casos, que conseguimos levantar nas obras da codificação, isso foi realizado por um Espírito moralmente inferior, razão pela qual concluímos que o Espíritos superiores, ao substituírem uns aos outros, mantêm a sua própria aparência, não fingindo ser quem não é, destarte não cometem o crime moral de falsa identidade.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Fev/2021.

Revisão: Hugo Alvarenga Novaes

Referências bibliográficas:

KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: CELD, 2010.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB, 2013.

19 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 289-290.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras (SP): IDE, 2001.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1865*. Araras (SP): IDE, 2000.